

MISSIONÁRIAS PROTESTANTES AMERICANAS (1870 – 1920): GÊNERO, CULTURA, HISTÓRIA

Eliane Moura da Silva¹

RESUMO: Esse artigo trata as relações entre religião, cultura e papéis de gênero entre 1870 e 1920 tendo como objeto de estudo as missionárias protestantes americanas durante colonialismo e imperialismo. Trabalhando com a perspectiva das relações entre gênero, cultura e religião têm como objetivo apresentar algumas reflexões teóricas sobre a história cultural das religiões e de gênero. Parte-se do pressuposto analítico de que as missões cristãs em geral, e as protestantes em particular, foram mais do que colonizações culturais: a mesma missão que converteu o Outro trouxe o Outro para dentro de si e construíram novas culturas e fronteiras e relações entre gênero e religião.

PALAVRAS CHAVE: História Cultural – Missionarismo protestante – Gênero.

ABSTRACT: This article discusses the relationship between religion, culture and gender roles between 1870 and 1920 having as object the American Protestant missionary study during colonialism and imperialism. Working with the prospect of the relationships between gender, culture and religion are intended to introduce some theoretical reflections on the cultural history of religions and gender. Assumed that analytical Christian missions in General and in particular, the Protestants were more than cultural colonizations: the same mission that converted the Other brought another to within themselves. The missions have built new cultures, frontiers and mobile ties between gender and religion.

KEY WORDS: Cultural History – Protestant Missionarism – Gender

Esse é um trabalho sobre a relação entre gênero e religião a partir de um estudo de história cultural das missionárias protestantes americanas entre 1870 e 1920. A religião foi um meio e um instrumento importante, entre outros, para a redefinição da questão de gênero no contexto da história do missionarismo protestante norte-americano como práticas e representações de alteridades e subjetividades.

O estudo dos movimentos missionários nesse período é significativo para uma história cultural das relações entre gênero e religião. O conceito “gênero” utilizado é o mesmo desenvolvido por Joan Scott. Trata dos discursos que formulam as diferenças entre os sexos e que abrangem relações sociais e políticas, representações culturais

¹ Livre Docente e professora do Departamento de História da Unicamp. Pesquisa história cultural das religiões e as relações entre gênero e religião nos séculos XIX e XX. O artigo tem como base algumas das questões do capítulo I do texto *Missionárias e Viajantes: as americanas protestantes no Brasil numa perspectiva das relações históricas entre gênero e religião (1870-1920)* que foi apresentado para a Livre Docência em agosto de 2010. elmoura@unicamp.br

Dossiê Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades

construídas em determinados momentos históricos. Assim, o conceito de análise “gênero” permite historicizar paradigmas sobre a construção de subjetividades baseadas nas diferenças entre os sexos e que acabam por determinar relações assimétricas e desiguais (SCOTT, 1988).

Estudar a história das mulheres missionárias americanas protestantes na perspectiva das relações entre gênero e religião entre 1870 e 1920 é uma maneira de analisar os dispositivos que se desdobram em registros sobre as diferenças entre os sexos. De acordo com Roger Chartier (1994)

(...). Longe de afastar do real e de indicar apenas as figuras do imaginário masculino, as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de homens e mulheres. Mas uma tal incorporação da dominação não exclui, muito ao contrário, possíveis desvios e manipulações que, pela apropriação feminina de modelos e de normas masculinas, transformam em instrumento de resistência e em afirmação de identidade as representações forjadas para assegurar a dependência e a submissão. (...).

As fissuras que racham a dominação masculina não assumem todas a forma de dilacerações espetaculares nem se exprimem sempre pela irrupção de um discurso de recusa e de rebelião. Muitas vezes elas nascem dentro do próprio consentimento, reutilizando a linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão. (CHARTIER, 1994, PP. 9-10)

As narrativas e as representações sobre essas relações foram formuladas dentro de determinadas contingências de credos religiosos, de nacionalidades, de classes, etnias bem como levando em consideração os debates e polêmicas que envolvem os estudos feministas e a religião. (SOUZA, 2004 e TARDUCCI, 2001). Procurou-se desenvolver uma perspectiva que levasse em conta um dos desafios centrais da história cultural: a de ligar a construção discursiva do social e a construção social do discurso na especificidade da compreensão histórica.

Michel de Certeau (1982) formulou aquilo que seria a tensão fundamental do conhecimento histórico: um discurso capaz de acionar construções, representações, narrativas, composições e figuras para construir um corpo de enunciados com possibilidade de estabelecer conjuntos de regras que permitam controlar, ainda que de maneira provisória, as operações de produção de sujeitos determinados. A representação histórica deve estar articulada com um lugar social e, segundo Certeau, “não há relato histórico no qual não seja explicitada a relação com um corpo social e com uma instituição de saber. (CERTEAU, 1982, PP.93-4).

Uma história cultural das religiões também deve ser objeto de reflexão. Afinal, o que é religião e de qual religião estaremos falando? Uma característica epistemológica da história das religiões é a perspectiva cultural e a preocupação em definir o conceito “religião” como categoria interpretativa e conceitual. Embora a religião possa ser analisada em diferentes perspectivas, a cultura é objeto específico e limitativo do próprio historiador, sendo a religião um fator privilegiado para qualificar a cultura com seus valores próprios. Sem isolar a religião de seu contexto histórico e cultural, do sistema de valores, trata-se de definir aquilo que é “a religião”. Para Nicola Gasbarro, é somente no ocidente que

encontramos uma cultura que se inventa em termo de civilização e religião, e que constrói a própria história e a do mundo como uma contínua oscilação entre os dois termos e, a partir destes pressupostos, temos a religião e o direito naturais. O Ocidente inventa a civilização e a religião como construções culturais. Produto da cristianização e não da latinização. (MASSENZIO, 2005, PP.73-4).

Religiões são representações culturais que aspiram à universalidade e são determinadas por aqueles que as elaboram e não são neutras, pois impõem, justificam, legitimam projetos, regras, condutas, etc. Trata-se de identificar a maneira através da qual, em diferentes tempos e lugares, um determinado fenômeno religioso é construído, pensado, lido e faz parte da dinâmica cultural. (SILVA, 2010).

A história cultural problematiza diretamente o texto como mediação, desafiando o historiador a confrontar o que havia sido até então “realidade”, a partir dos documentos com o poder das representações da escrita, da materialidade textual. Trata-se, portanto, de refletir sobre os sentidos da História, analisando eventos do passado, construídos a partir de documentação variada e do próprio discurso histórico, buscando os sentidos organizadores de textos/disciplinas como formas de conhecimento que produzem a verdade, racionalizando o passado e referendando situações e sistemas. Assim é possível pensar que a própria linguagem ajuda a moldar a percepção de mundo, os interesses, a construir o local das idéias.

Nesta direção, procura-se destacar os esquemas geradores das classificações e percepções de cada grupo social, de cada gênero, tendo como objeto a compreensão das formas e motivos – as representações do mundo social – descrevendo a sociedade tal como pensam ser, ou como gostariam que fossem. Assim, o conceito de representação é articulado, em três modalidades de relação com o mundo social: classificações e delimitações através das quais, intelectualmente, uma realidade é contraditoriamente

construída por diferentes grupos; as práticas de reconhecimento de identidades/subjetividades como maneiras de ser e estar no mundo, dotadas de sentidos e significados simbólicos; formas institucionalizadas, através das quais, pessoas ou grupos tornam-se visíveis e perpetuam sua existência (ou se definem) como grupo, classe ou comunidade. (CHARTIER, 2002).

Tomando a dimensão interpretativa da cultura como a maneira através da qual, em diferentes lugares e históricos, uma determinada realidade social foi construída, pensada e vivida, essa interpretação nos leva a diversos caminhos que são produzidos por diferentes grupos, construídos e vividos, no cotidiano. Agimos no sentido de construir realidades que mudam constantemente. Produzimos classificações, divisões e delimitações. As representações do mundo social são fruto de construções culturais e históricas. As representações, que almejam ser universais, foram construídas e forjadas por determinados grupos, interesses e em certos momentos históricos, sendo dotadas de parcialidades e ambiguidades. As representações do social não são neutras e se impõem como autoridades, legitimando determinadas concepções.

Assim, a religião é um dispositivo de representação cultural de grande força e eficácia, uma dimensão das representações culturais do mundo, estando sujeita, portanto, a mudanças. Religião e crenças religiosas só podem ser definidas em determinados contextos espaciais e temporais. Desvendar a cultura é revelar as estratégias e dinâmicas de identidade que constituem cada grupo social. A identidade religiosa estabelece parâmetros culturais que influenciam as práticas cotidianas, os lugares, relações, posições hierárquicas, atitudes e representações. É importante reavaliar o papel que a identidade religiosa exerce na construção dos papéis de gênero e que influenciam, de forma ampla, os valores e os sentidos de uma dada sociedade, sendo referência de uma intenção em que o imaginado, proposto e idealizado adquire um sentido.

II - Gênero, religião e missionarismo:

Os movimentos de mulheres na segunda metade do século XIX nos EUA estiveram em forte conexão com os as transformações religiosas que aconteceram na cultura e sociedade americanas as décadas seguintes ao final da Guerra Civil. Questões tais como igualdade e justiça de gênero estavam imbricadas em mudanças legais, sociais, políticas e religiosas. O papel que os grupos religiosos, as inovações teológicas e surgimento de igrejas desempenharam na modernidade foi revelador das contradições

entre avanços e conservadorismo no que se refere ao reconhecimento e igualdade da participação feminina. (McLOUGHLIN, 1993; BLOOM, 1992, AHLSTROM, 1973.)

As matrizes religiosas dos diferentes feminismos dentro da história do protestantismo anglo saxão e, particularmente, nos Estados Unidos dos séculos XIX e XX são marcantes. Mulheres religiosas se tornaram ativamente engajadas em movimentos de reforma social, abolicionismo, sufrágio, educação e pregação. Antes de chegar aos palanques políticos, muitas fizeram suas primeiras atuações públicas nos púlpitos. Em sua batalha pelo acesso à educação e treinamento profissional, também lutaram para ser admitidas nos seminários teológicos e universidades. (MOSELEY, 1982; MELTON 1990)

No contexto das grandes expansões coloniais dos séculos XIX e do início do XX, muitas foram atraídas pelas missões religiosas, católicas ou protestantes, que legitimavam, de forma honrada, seus deslocamentos. Agir no espaço público, arcar com as suspeitas que pesavam sobre as mulheres sozinhas, teriam sido provas ainda mais difíceis de suportar sem o apoio material, social e religioso.

Os trabalhos missionários religiosos foram opção legítima com justificativa, objetivos e, principalmente, suporte financeiro. Ao abrigo institucional e material, dentro de redes de apoio social que incluíram associações femininas, literatura, escolas para formação de professoras, enfermeiras, médicas, as missionárias foram uma parte significativa dos movimentos de mulheres deste período.

Há um vasto campo de estudo e bibliografia sobre as missionárias inglesas e norte-americanas que foram para o Oriente, África, Oceania e para outras áreas de expansão territorial, como o Oeste e Meio-oeste americano. Essa bibliografia é marcada tanto pelos estudos feministas como pelos debates recentes dos estudos culturais, pós-coloniais e dos *subaltern studies*, em especial os trabalhos de Said, Fanon, Bhabha, Spivak e Mohanty. (SAID, 1998; FANON, 1986; BHABHA, 1985, NELSON & GROSSBERG, 1988; MOHANTY, 1991)

A relação entre gênero – religião – imperialismo - colonialismo vem sendo repensada por vários autores e pesquisadores e a introdução da perspectiva de gênero trouxe novos desafios. Desta forma, a religião cristã e o trabalho missionário seriam partes integrantes da expansão imperialista e colonialista como cultura da civilização ocidental através da cristianização e da imposição de valores ocidentais, colonialistas e

imperialistas e parte dos processos de subordinação e violência a que eram submetidos as sociedades e culturas sob o jugo da colonização.²

Essas afirmações vêm sofrendo revisões. Alguns autores procuram demonstrar que os missionários eram agentes pouco importantes para o imperialismo cultural e, com frequência, obstáculos para a administração colonial. O tema do missionarismo dessa forma passou a integrar as grandes discussões sobre o colonialismo, imperialismo como encontros culturais e que refletem a polêmica teórica e política sobre a questão, incluindo a perspectiva dos impactos nas relações históricas de gênero e da religião tanto nas sociedades coloniais como nas sociedades européias e norte-americanas.

Estudar a história do missionarismo religioso cristão nos séculos XIX e XX significa indagar como a expansão missionária na esteira do colonialismo e imperialismo levou a uma definição de universalismo religioso, do humano e a uma generalização do conceito de religião. As missões cristãs foram mais do que colonizações culturais: a mesma missão que converteu o Outro trouxe o Outro para dentro de si. As missões construíram novas culturas, nova hibridações e fronteiras de alteridades móveis em relações bastante complexas.

Dentro dos desafios das análises do pós-colonial e da história da descolonização há interesse especial na desconstrução dos temas relacionados ao pensamento colonizador que criaram sistemas de significação e hierarquias de valor. Essas desconstruções enfatizam novas formas de subjetividades, a capacidade de produção de alteridades e a descolonização da mente e dos legados coloniais. As obras de Jenny Sharpe, Gauri Viswanathan e Mary Louise Pratt analisam as formas através das quais o colonialismo, as representações imperialistas foram consolidadas, ressignificadas e institucionalizadas através de linguagens, narrativas, relatos de viajantes, literatura, educação, textos de missionários. (SILVA, 2008; SHARPE, 1993; VISWANATHAN, 1989; PRATT, 1999)

Destacam-se também os estudos de Oliver, Trollope e Lind sobre as relações de gênero na Índia Colonial que desvendaram a complexidade e as nuances múltiplas que caracterizaram as tensas relações entre gênero, papéis sociais e etnia, determinadas pela presença das mulheres brancas. (OLIVER, 1982, TROLLOPE, 1983; LIND, 1988).

² Segundo SAID (1998) o imperialismo significa a prática, a teoria e as atitudes de uma metrópole dominante que dita regras para territórios distantes enquanto o colonialismo, conseqüência do imperialismo, seria a presença de ocupação física de determinados espaços geográficos. Said argumenta que a cultura é o aspecto mais importante da dominação.

Essas análises e estudos foram essenciais para a história da presença das missionárias cristãs no que se refere à compreensão das subjetividades de gênero colonizadas, incluindo perspectivas de identidades étnicas ou raciais e as religiões. O livro de Kumari Jayardena é importante para essa discussão (JAYARDENA, 1995). A autora aponta os dilemas do trabalho das missionárias. Reconhece que o missionarismo cristão permitiu que as mulheres alcançassem uma série de oportunidades que lhes eram negadas dentro de suas sociedades. Procura reavaliar a complexidade dos diversos papéis e funções do trabalho das missionárias, sobretudo o educativo. Baseado no pilar conversão e modernização, o trabalho das missionárias também foi parte integrante do processo de desmontagem de valores tradicionais dessas culturas e de imposição de padrões ocidentais, numa dinâmica difícil de enunciar em termos unívocos ou dicotômicos, em torno do bem e do mal, de opressora ou vítimas.

A coletânea de artigos organizados por Nupur Chauduri e Margareth Strobel analisa as diferentes maneiras através das quais mulheres européias e norte-americanas participaram do imperialismo e das culturas de colonização bem como, no contexto do colonialismo, utilizaram agendas políticas e feministas do período vitoriano. (CHAUDURI & STROBEL, 1992). Trata-se de uma coleção de ensaios que estudam a presença feminina em uma variedade de contextos imperialistas, em suas estratégias de resistência ou cooperação com dinâmicas culturais e de codificações. As discussões desenvolvidas nos artigos abrem espaço para examinar de que forma os paradigmas gênero e imperialismo foram remodelados e como a religião cristã missionária foi um fator importante nestes processos de alteridades.

Recentemente os paradigmas que associam missionarismo cristão ao colonialismo, ao imperialismo e à subordinação, estão sendo repensados por estudiosos como os historiadores africanos Lamin Sanneh e Ogbu Kalu. Para eles, nunca se levou em consideração como os africanos aceitaram ou rejeitaram os missionários e seus ensinamentos. Por exemplo, o fato de que chefes locais requisitaram a presença de escolas missionárias e clínicas médicas como um esforço contra seus inimigos e competidores políticos. Para estes autores, a ênfase nos paradigmas colonialistas acabou por silenciar os agentes locais e ignorar como a mensagem cristã foi traduzida de acordo com determinadas necessidades sociais e espirituais de cada grupo e cultura. (SANNEH, 1983; KALU, 2000).

Há também uma reavaliação do impacto cultural e social das atividades concretas dos missionários e a influência na construção identidades coloniais e práticas políticas que acabaram por levar aos processos de descolonização e nacionalização. A necessidade de traduzir a Bíblia para o vernáculo levou, em muitos casos, ao estudo exaustivo de línguas que, em alguns casos, jamais haviam sido escritas. Além de livros religiosos, os missionários traduziram textos científicos, educativos, históricos e geográficos. Introduziram escolas, clínicas, orfanatos, projetos de modernização agrícola, serviços sociais variados. Missionários se posicionaram contra a escravidão, a favor de ideais democráticos, direitos das mulheres, educação científica e contribuíram para o processo de modernização. (HOCHSCHILD, 1999; ROBERT, 2008; ROCHA, 2009).

O antropólogo Nicholas Thomas ao analisar a relação entre imperialismo e colonialismo na Oceania, afirma que a cultura colonial comportou um grande leque de eventos e representações, num processo cultural de signos, metáforas e narrativas, mediados por diferentes estruturas de significados. As culturas coloniais não teriam sido apenas ideologias que mascararam, mistificaram ou racionalizaram formas de opressão: foram também expressões constitutivas das relações colonialistas e envolveram colonizadores e colonizados. A argumentação de Thomas aponta para o fato de que embora os artefatos coloniais – armas, Bíblia, literatura, educação etc. – fossem oferecidos e impostos, também foram integrados em dinâmicas culturais de apropriação e redefinições, modificados e reformados pelas culturas e comunidades que receberam estas influências. (THOMAS, 1996).

Essas construções de alteridades permitem que interroguemos a construção dos papéis de gênero num contexto de diferentes cruzamentos culturais em perspectivas históricas, raciais, sociais e religiosas. Trabalhos recentes levantam questões conceituais e metodológicas sobre os estudos feministas, as relações de gênero, teologias feministas, a diversidade a alteridades culturais e a necessidade de novas perspectivas teóricas.

Em seus textos, Ursula King avançou com algumas destas reflexões ao destacar ambivalência e dependências dos assuntos relacionados ao tema gênero-religião:

The relationship between gender and religion is made more complex still through the presence of diversity, an additional factor of which our postmodern sensitivity has become so much more aware. Diversity is understood as 'otherness'. There is the multiple

'otherness' of religious differences within and across specific cultures; (...). (KING, 2005).

Explorar as interrelações de gênero, religião e profissionalização nas vidas das missionárias protestantes é uma importante etapa para o desvendamento deste momento histórico. Para Gulnar Francis-Dehqani (2005) analisar o impacto e influência que a atividade missionária trouxe para as mulheres iranianas durante o período do imperialismo e do colonialismo britânico é importante para entender como, por exemplo, isso significou novos desafios às masculinidades tradicionais da sociedade. Para a autora, é necessário entender as restrições religiosas e sociais impostas às mulheres para permitir uma compreensão histórica do período de forma crítica, reavaliando as perdas, os ganhos e as transformações que resultaram desses encontros. Somente utilizando abordagens multidisciplinares dos estudos culturais, das teologias feministas e do pós-colonialismo é possível reavaliar o papel do cristianismo, dos movimentos religiosos de mulheres e do *ethos* do imperialismo sobre a relação entre gênero e religião no período.³

Embora Francis-Dehqani reconheça que as relações entre as mulheres iranianas e as missionárias fossem hierarquicamente assimétricas, essas relações ativaram reações entre as nativas que se apropriaram dos discursos de forma reversa. As missionárias, assim como as mulheres européias e norte-americanas brancas, desempenharam um papel ambíguo: eram membros de um gênero inferior dentro de uma raça superior. O resultado foi que reconheciam a opressão das mulheres e, simultaneamente, desenvolviam um sentido de superioridade devido à raça e nacionalidade. Almejavam melhorar o mundo privado (doméstico, conjugal, maternal) das mulheres sem alterar a questão da desigualdade de gênero. O Oriente era comparado desfavoravelmente ao Ocidente e o islamismo responsabilizado pela situação de inferioridade feminina. Pessoalmente, muitas missionárias rejeitavam os papéis de esposa e mães como únicos atributos femininos embora ensinassem essas virtudes como inerentes ao modelo cristianizador.

Longe de seus lares e países de origem por longos períodos de tempo, os missionários, homens e mulheres, tendiam a glorificar suas nações, seus modelos religiosos e civilizatórios, bem distantes daquilo que haviam deixado para trás. Com

³ Ver o artigo de FRANCIS-DEHQANI, Gulnar Eleonore. The Gendering of Missionary Imperialism: The Search for an Integrated Methodology. IN KING & BEATTIE (2005). pp.125-137.

muita perspicácia, o oficial inglês *Richard Francis Burton* (1821- 1890), quando do período em que esteve no Brasil, em 1861, como Consul da Inglaterra em Santos e durante o qual viajou incessantemente pelo país, sintetizou esses sentimentos e representações identitárias contraditórias:

Inglese e portugueses costumam queixar-se no Brasil por serem por demais impopulares. O fato é que eles sofrem frequentemente não só pelos seus próprios pecados, que são de vária natureza, mais ainda pelos de seus vizinhos europeus, que não são poucos. (...). E é quase um truísmo dizer que ouvimos pouca coisa boa a nosso favor por parte de outros, nós, como outras nações, ouvimos elogios demais a nós mesmos de nossa parte. Essas gabolices e fanfarronadas acerca de nossas próprias perfeições ainda são tidas na conta de patriotismo. (...).

O Brasil, também, como os demais povos, recebeu um pequeno conjunto de elogios e um grande lote de acusações imerecidas. Mas os nossos viajantes dificilmente têm sido mais polidos para com ele que outros de outras nações. (BURTON, 1983).

Esse distanciamento levava ao esquecimento das tensões sociais, políticas e religiosas entre, por exemplo, as novas idéias de modernidade e os feminismos, que caracterizaram esse período apresentado como uma era de civilização e da emancipação feminina. Pode-se dizer que o impacto desse processo acabou por alterar e a idealizar tanto a religião como os feminismos e as relações de gênero do mundo ocidental.

Estudar a história cultural das missionárias em diferentes partes do mundo no século XIX e inícios do XX significa entender os mecanismos de negociação, conflitos que envolveram gênero, etnia, nacionalismo, religião e modernidade. Culturas não sobrevivem isoladamente e são sempre interconectadas e interdependentes. Qualquer contato entre grupos diferentes pressupõe impactos em todas as partes. As missionárias foram afetadas e sua mensagem universal, para ser eficaz, teve que ser adaptada para poder circular em contextos diferentes. Compromisso e maleabilidade foram elementos essenciais para esses encontros culturais onde flexibilidade foi requisito básico.

Negociar as convergências e os conflitos de gênero, raça, classe, nacionalidades e religião exigiram maneiras originais, e muitas vezes improvisadas, de trabalhar. Foram persuadidas que tais problemas de gênero seriam resultado dos problemas das culturas e religiões locais - no caso brasileiro, do catolicismo – muitas vezes sem levar em conta, pelo menos de maneira explícita, que elas também eram o resultado de diferentes relações assimétricas de gênero.

Mas modificações importantes aconteceram. A experiência missionária significou viajar através de diferentes culturas e sofrer o impacto de transformações. A vida cotidiana longe de sua cultura, de suas crenças, das famílias e comunidades emocionais, sobreviver a doenças, mortes, a uma vida conjugal em um meio estranho e muitas vezes hostil, provocou modificações irreversíveis no próprio cristianismo ocidental e entre todos os envolvidos nas metrópoles e nas colônias.

Significou também, após longos períodos de afastamento de seus países e comunidades religiosas, o esquecimento das tensões de gênero que haviam deixado para trás. Foi possível imaginar e criar uma representação sobre a civilização e os estereótipos de gênero, raça, classe, idealizando situações que glorificavam uma vida política e religiosa do mundo protestante e de suas sociedades e culturas, principalmente no que se referia à posição das mulheres como o modelo de salvação e civilização. Algumas dessas idealizações apelavam para imagens maternas da religião e da conversão.

Estudos recentes apontam o problema das conversões culturais por que passaram as missionárias e que, com frequência, modificaram seus retornos aos seus países e comunidades de origem. Esse foi caso de Martha Foster Crawford (1830-1909), missionária batista natural do Alabama e que viveu na China desde 1851 até a sua morte em 1909. Historiadores da religião, da história da China contemporânea, das missões, das relações entre gênero, racismo, classes, política e religião, utilizam os diários e demais escritos de Martha Crawford como fontes documentais. (SHEK, 2004).

Durante os seus 79 anos de vida, ela viajou entre culturas e sofreu o choque do seu momento histórico. Quando retornou aos Estados Unidos, depois de alguns anos como missionária na China e imediatamente após o final da Guerra Civil, em 1866, encontrou sua cultura sulista profundamente alterada. Seus parentes no Texas, Mississippi, Alabama e Georgia tentavam se recuperar da devastação, pobreza, fome, humilhação e do desapontamento religioso. Ela observou as mudanças religiosas e culturais que agora afetavam aos sulistas derrotados. O crescimento das igrejas *african-americans*, as sociedades secretas e uma religião civil branca fizeram com que os sulistas ao final do século XIX, se sentissem Outros dentro de seu próprio país. Para Martha Crawford, houve a sensação de que sua casa, seu estilo de vida e missão

civilizatória haviam sido destruídas pelos Estados Unidos em 1865 e sofreu uma grave crise de identidade.⁴

Ao se sentir uma estrangeira em sua própria cultura, o retorno de *Martha* para a China foi marcado por uma peculiar percepção do seu papel como cristã e acabou por determinar o abandono de uma forma de atuação missionária. Ela procurou desenvolver outras maneiras de acomodação, aculturação, adaptação, assimilação de ser cristã e missionária dentro da cultura e sociedade chinesa. Estabeleceu um estilo de vida bem próximo ao dos chineses em seu cotidiano usando roupas chinesas e advogando total independência, inclusive material, das igrejas cristãs protestantes surgidas na China. Defendia o evangelismo direto em dialetos locais, a abolição de hospitais e escolas ocidentais e que os missionários desenvolvessem uma acomodação cultural ao estilo de vida simples e de acordo com os padrões cotidianos dos chineses. As suas fotos desse período mostram uma mulher vestida como chinesa. Quando de sua morte, em 1909, seu funeral e caixão foram ao estilo chinês. Ficou conhecida pelos chineses como *Madam Gao*, nome que foi atribuído assim que chegou a China.

As mudanças ocorridas neste período, nos Estados Unidos, sobretudo no Sul derrotado, fizeram com que a sua vida como missionária na China adquirisse novo sentido. Martha não viveu como uma mulher chinesa. Ao contrário, considerava a condição de vida das chinesas opressiva e cruel, mas preferiu viver na China, onde acreditava poder ser uma verdadeira missionária e, dessa forma, proporcionar um novo modelo de mulher cristã como emancipação de gênero. Na sua perspectiva homens e mulheres cristãos e santificados viveriam relações abençoadas e harmônicas dentro de uma perspectiva de igualdade espiritual na China ou em qualquer outra parte do mundo.

A produção acadêmica sobre história das missionárias protestantes aponta alguns problemas fundamentais. Em primeiro lugar, destacam o contexto histórico e religioso ocidental no momento da grande expansão missionária. Demonstram como as missionárias encontraram, paradoxalmente, padrões de oportunidades e constrangimentos dentro do movimento missionário nas organizações e instituições dominadas pelas relações assimétricas de gênero. Isso acontecia tanto na teologia como nas posições de comando. Enfatizam a necessidade de entender os locais de origem,

⁴ Ver o artigo de VAUGHAN, Carol Ann. *Missionary Returns and Cultural Conversions in Alabama and Shandong: The Latter Years of Madam Gao (Martha Foster Crawford)*. In SHEK, Wilber, 2004, pp. 243-260.

histórica, social e cultural para estudar os encontros e desencontros diante de múltiplas afiliações. As conexões entre gênero, filantropia, religião, direitos das mulheres no século XIX são essenciais para compreender as atividades das mulheres missionárias em outros países e culturas.

Em segundo lugar, analisam as formas através das quais o trabalho das missionárias dentro de uma perspectiva colonialista e imperialista foi fundamental para modificar as construções vitorianas sobre a mulher e os papéis tradicionais de gênero. Estudam as reformulação das funções femininas no que se refere à autoridade e responsabilidade social, transformando os discursos de resgate, salvação e redenção em temas centrais para preservar suas ações de gênero com autonomia e poder dentro das instituições e organizações masculinas das Igrejas protestantes. Estes estudos demonstram os diferentes níveis através dos quais a relação entre religião e gênero foi fundamental para garantir novas perspectivas que alteraram o empoderamento das mulheres no e através do projeto missionário, na educação feminina e sua profissionalização.

Na luta das mulheres para alcançar a educação, profissionalização, empregos e direitos legais nos Estados Unidos, as igrejas cristãs tiveram um papel ambivalente. Durante a segunda metade do século XIX, os movimentos de direitos das mulheres, educação e emancipação femininas encontraram considerável resistência. O lugar da mulher era em casa e a família exaltada. Pastores, ministros religiosos, moralistas, escritores, conferencistas, médicos, em suma, todos que se preocupavam com os papéis sociais, atribuíam aos homens e mulheres diferentes lugares, de acordo com atributos naturais e que conferiam a cada sexo um campo apropriado de atuação e desenvolvimento, incluindo o próprio trabalho manual. Os homens foram o maior obstáculo para que elas pudessem ampliar sua participação pública e ocupar cargos de liderança. Sob o ponto de vista das teologias evangélicas oficiais, o silêncio das mulheres pregado por Paulo era entendido pelos homens não somente com relação ao púlpito e se estendia a todo e qualquer lugar da sociedade. O papel predominante dos homens na família, sociedade e igreja era um mandato divino, uma ordem da Criação. Contudo, após a Guerra de Secessão, toda uma geração de mulheres se sentiu encorajada a participar e ampliar seus limites de inserção social, repensando a experiência nacional e religiosa. O feminismo e a luta pelos direitos das mulheres dentro das igrejas e na sociedade civil nasceram ao mesmo tempo e como parte de um mesmo movimento histórico. (MacARTHUR, 1998; HEENEY, 1990)

Os feminismos vitorianos em suas relações com a religião nunca foram hegemônicos comportando versões diversificadas, incluindo as politicamente laicas ou seculares. Incluía tanto posições radicais sobre o sufrágio, a igualdade absoluta entre homens e mulheres e a ordenação de feminina, como também argumentos moderados e conservadores que destacavam a importância das mulheres nos serviços filantrópicos, como professoras das escolas dominicais e no lar como mães e esposas. Suas posições iam desde propostas igualitárias de gênero bastante radicais sobre os limites da atuação feminina na religião e na sociedade, até afirmações que, embora repensassem os limites da atuação feminina, não questionavam a estruturas de poder tanto nas instituições como nas teologias. Contudo, fizeram parte de um movimento mais amplo que Levinne Philippa chamou de “*conscious woman centredness*”. (PHILIPPA, 1989). O termo “feminismo” foi utilizado por diferentes grupos com sentidos variados, frequentemente adotando valores alternativos para enfatizar os direitos das mulheres podendo propor ou não, a igualdade com os homens.

Muito pouco tem sido produzido sobre a presença das missionárias nos países que não eram parte institucional dos impérios da época embora estivessem na órbita das grandes expansões comerciais e de áreas de influência no período. Assim ao desenvolver esta pesquisa, além da lacuna histórica, é possível estabelecer um espaço para refletir sobre pesquisas nessa temática, como, por exemplo, no Brasil. (SILVA, 2006; ALMEIDA, 2007; RIBEIRO, 2009).

Em primeiro lugar, a questão de gênero e religião tem uma especificidade deste momento histórico no caso das protestantes americanas e da grande expansão missionária. Foram mulheres que se inseriram numa perspectiva particular de alteridades: mulheres, norte-americanas e protestantes numa sociedade e cultura católica. Educação, oração, pregação e missionarismo integravam a sua identidade e garantiam valores morais, regras de conduta e respeitabilidade em lugares distantes e longe de suas comunidades de origem. Sendo estrangeiras, habitando em espaços culturais distintos como americanas protestantes casadas ou solteiras, as *Misses ou Mrs.* tinham um status diferente das nativas, fossem elas pagãs, católicas ou muçulmanas.

Em segundo lugar, como Outras, eram passíveis de novas leituras e de uma inserção social diferente. Suas especificidades e comportamentos, suas “esquisitices” diante das culturas nativas como estrangeiras e, principalmente as solteiras, algumas delas vivendo de forma independente, longe da família e sem compromissos

Dossiê Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades

matrimoniais, em suma, afastadas de todos os referenciais da feminilidade honrada, marcaram a construção de suas subjetividades tanto de gênero como religiosas. Evidentemente, que o aporte financeiro vindo das *Boards of Missions*, também lhes garantiu uma situação privilegiada como profissionais e permitiu que criassem espaços diferenciados de trabalho e atuação profissional e religiosa.

Em terceiro lugar seus olhares, narrativas e descrições da sociedade, da cultura, da religião e das relações de gênero na América Latina, na África, Ásia, Oceania, acompanhado os rumos das expansões coloniais foram resultado de uma posição especial, da construção de alteridades e da descrição de si mesmas como invenções de sentido e com determinações múltiplas. Ao descrever a vida cotidiana, os ritos religiosos, prestar contas, pedir auxílio, reafirmar sua fé, entre vários outros temas e assuntos, a sua atuação e trabalho foram se redefinindo diante dos comportamentos legítimos e das normas incorporadas. Os documentos produzidos por elas e sobre elas tecem a trama das relações quotidianas e podem ser interpretados em sua relação com o mundo e a história. A vida em outras sociedades e culturas como Outras também alterou o que elas eram em suas culturas e sociedades.

Ao refletir sobre a presença das missionárias protestantes, devemos ter em mente que trabalhamos com imagens simétricas e inversas, uma dramatização na qual são os atores são simultaneamente espectadores de histórias que contam para si próprios. As cartas, os relatórios, as traduções, a literatura evangélica em geral, os artigos enviados aos jornais de suas confissões religiosas estão revestidos de significações plurais e móveis. Foram construídos na negociação entre uma proposição e uma recepção, no encontro entre as formas e motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou expectativas dos públicos leitores.

Como representações culturais são conjuntos de textos que só podem ser compreendidos no momento de suas produções, repletos de signos oscilantes e grupos sociais entrelaçados por redes de comunicação. Trata-se de ver uma cadeia de significantes que nunca pode ser devidamente identificada. São formas polissêmicas e oscilantes e que, como narrativas laudatórias e voluntaristas, dedicadas a produzir uma linha coerente que fixe um sentido a toda a diversidade dos signos que estão sendo elaborados no texto e contexto do final do século XIX e inícios do XX.

Os discursos das missionárias na perspectiva da história cultural devem ser analisados

Dossiê Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades

em seus próprios dispositivos, suas articulações retóricas ou narrativas, em suas estratégias persuasivas ou demonstrativas. As organizações discursivas e as categorias que as fundam – sistemas de classificação, critérios de recorte, modos de representações – não são redutíveis às idéias que elas enunciam ou aos temas que sustentam. Elas têm sua lógica própria – e uma lógica que pode muito bem ser contraditória em seus efeitos com a letra da mensagem.(CHARTIER, 2002, P. 77)

Estudiosos do movimento missionário fazem referências ao fato de que o movimento foi um grande romance do evangelicalismo protestante do século XIX tendo despertado um sentido de aventura, admiração pela coragem de determinados homens e mulheres envolvidos nas missões em lugares estranhos e inóspitos. Levou uma mensagem otimista sobre o cristianismo e os padrões americanos de civilização em sua expansão no contexto do imperialismo e colonialismo. (CHRISTENSEN & HUTCHINSON, 1982).

Os missionários foram românticos: fascinados pelo Mal, pelos subterrâneos das sociedades, mesmo quando repetiam as evidências de sua atuação pelo progresso moral e social. A cultura missionária nesse período pode ser considerada um sistema de ideais religiosos e culturais através dos quais as atividades e esforços missionários justificavam suas atividades. Descritos como heroínas/heróis lutavam uma boa luta em nome da religião e da civilização cristã evangélica. Cristianizar o mundo era um ideal através no qual a religião e a cultura mantinham uma dinâmica particular. O Cristianismo aplicado incluía a educação, a saúde, o trabalho cooperativo, a legalização do status das mulheres, a atenção especial aos pobres, crianças, famintos e oprimidos. A devoção cristã foi um novo motivo para atuação e apoiada, particularmente, na esperança de que o Reino de Deus se concretizaria a partir da América para o mundo todo. (RANDALL, 2006; MITCHELL, 1975).

O missionarismo protestante americano fez parte de uma cultura que se espalhou em diferentes regiões do mundo a partir da década de 1870, independentemente de sua instalação em regiões colonizadas ou partes integrantes do imperialismo, sobretudo, inglês. Um estilo de vida, uma proposta de organização social, cultural, política, moral e ética que valorizava aquilo que a cidadania e cultura protestante americana consideravam como avanço da civilização.

As conexões históricas entre a expansão missionária, a crescente participação feminina nos movimentos de missões, nas atividades filantrópicas, como profissionais

envolveram mudanças sociais e culturais que marcaram as relações entre religião e papéis de gênero.

Referências bibliográficas:

AHLSTROM, S. **A Religious History of the American People**. New Haven and London, Yale University Press, 1973, pp.415-471.

ALMEIDA, Jane Soares. **Ler as Letras: Por Que Educar Meninas e Mulheres?** São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo; Campinas: Editores Associados, 2007.

BHABHA, Homi. Signs Taken for Wonders: Questions of Ambivalence and Authority under a Tree Outside Delhi, May 1817. **Critical Inquiry** 12 (1985): 144-65.

BLOOM, H. **The American Religion. The Emergence of the Post-Christian Nation**. NY, Simon&Schuster Publishers, 1992.

BURTON Richard. **Viagens aos Planaltos do Brasil (The Highlands of the Brazil publicado em Londres em 1869)**. São Paulo, Ed. Nacional; Brasília: INL, Fundação Pró-Memória, 1983, pp. 82.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. A História Hoje: dúvidas, desafios e propostas. In **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, volume 7 n. 13, 1994.

CHARTIER, Roger. 2. O Mundo como representação. In **À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHAUDURI, Nupur & STROBEL, Margareth. **Complicity and Resistance: Western Women and Imperialism**. Bloomington, Indianapolis: University of Indiana Press, 1992.

CHRISTENSEN, Torben and HUTCHINSON, William. (Eds). **Missionary Ideologies in the Imperialist Era, 1880-1920**. Aarhus, Denmark: Aros, 1982.

FANON, Frantz. The Fact of Blackness. In **Black Skin, White Masks**. London: Mac Gibbon and Klee, 1968.

HEENEY, Brian. The Beginnings of Church Feminism: Women and de Councils of the Church of England, 1897-1919. **Journal of Ecclesiastical** 33 (1) 1990: 89-109.

HOCHSCHILD, Adam. **O Fantasma do Rei Leopoldo: Uma História de Cobiça, Terror e Heroísmo na África Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

JAYARDENA, Kumari. **The White Woman's Other Burden: Western Women and South Asian During the British Rules**. London: Routledge, 1995.

KALU, Ogbu. Power, **Poverty and Prayer**. Studies in Intercultural History of Christianity, Vol 122 (Frankfurt: Peter Lang, 2000), 12-27.

KING, Ursula and BEATTIE, Tina (Eds). **Gender, Religion and Diversity: Cross-Cultural Perspectives**. London: Continuum International Publishing Group, 2005.

LIND, Mary Ann. **The Compassionate Mem-Sahibs: Welfare Activities of British Women in India, 1900-1947**. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1988.

McARTHUR, Judith N. **Creating the New Woman: The Rise of Southern Women's Progressive Culture in Texas, 1893-1918**. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 1998.

MASSENZIO, Marcelo. **A História das Religiões na Cultura Moderna**. São Paulo: HEDRA, 2005.

McLOUGHLIN, W. **Revivals, Awakenings and Reform: An Essay on Religion and Social Change in America, 1607-1977**. Chicago and London, University of Chicago Press, 1993.

MELTON, J. Gordon. **The Encyclopedia of American Religions**, Mass, Gale, 1990.

MOHANTY et al., eds. **Third World Women and Politics of Feminism**. Bloomington: Indiana University Press, 1991.

MITCHELL, Norma Taylor. "From Social to Radical Feminism: A Survey of Emerging Diversity in Methodist Women's Organizations (1869-1974). In **Methodist History**, April 1975, 21-44.

MOSELEY, James. **A Cultural History of religion in America**. Westport, Conn., Greenwood Press, 1981.

OLIVER, Caroline. **Western Women in Colonial Africa**. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 1982.

PHILIPPA, Levine. **Victorian Feminism- 1850-1900**. Tallahassee: Florida State University Press, 1989.

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império: relatos de viagens e transculturação**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RANDALL, Balmer, **Mine Eyes Have Seen the Glory: A Journey into the Evangelical Subculture in America**. London: Oxford University Press, 2006.

RIBEIRO, Margarida. **Rastros e Rostos do Protestantismo Brasileiro: Uma historiografia de Mulheres Metodistas**. São Leopoldo: Editora Oikos, 2009.

ROBERT, Dana L. (Ed). **Converting Colonialism: Visions and Realities in Mission History, 1706-1914**. Studies in The History of Christian Missions. Grand Rapids, Michigan: B. Eerdmans Publishing Co, 2008.

ROCHA, Antonio Penalves. **Abolicionistas Brasileiros e Ingleses: A coligação entre Joaquim Nabuco e a British and Foreign Anti-Slavery Society (1880-1902)**. São Paulo: Ed. Unesp; Santana do Parnaíba: BBS: Treinamento e Consultoria em Finanças, 2009.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

SANNEH, Lamin. **West African Christianity: The Religious Impact**. New York, Maryknoll: Orbis Books, 1983.

SCOTT, Joan. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1988.

SHARPE, Jenny. **Allegories of Empire**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

SHENK, Wilbert R (Ed). **North American Foreign Missions, 1810 – 1914. Theology, Theory and Policy**. Eerdmans Publishing Co: Grand Rapids: Michigan, 2004.

SILVA, Eliane Moura; BELLOTTI, Karina K; CAMPOS, Leonildo S. **Religião e Sociedade na América Latina**. S. B. do Campo: UMESP, 2010.

SILVA, Eliane Moura. Gênero, Religião, Missionarismo e Identidade Protestante Norte-Americana no Brasil ao final do século XIX e inícios do XX. In **Mandrágora – Gênero, Cultura e Religião**, Ano 12, nº 16, 2008, São Bernardo do Campo, UMESP.

SOUZA, Sandra Duarte. **Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas**. S. B do Campo: UMESP, 2006.

SOUZA, Sandra Duarte. Revista MANDRÁGORA: Gênero e religião nos estudos feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12 (N.E.): 264, setembro - dezembro/2004.

NELSON, Cary & GROSSBERG Lawrence (orgs). **Marxism and the Interpretation of Culture**. London: Mac Millan, 1988;

TARDUCCI, Monica. Estudios Feministas de Religión: Uma mirada muy parcial. In **Cadernos PAGU** (16), 2001, pp. 97-114.

THOMAS, Nicholas. **Colonialism Culture: Anthropology, Travel and Government**. : Blackwell Publishers, 1996, p. 16.

TROLLOPE, Joanna. **Women of the British Empire**. London: Hutchinson, 1983.

VISNAWANATHAN, Gauri. **Masks of Conquest**. New York: Columbia University Press, 1989.

Recebido em 22/10/10

Aprovado em 10/01/11